

# Os quimonos de Maria Augusta Rui Barbosa: objetos museológicos como fonte de memória da moda

The kimonos of Maria Augusta Rui Barbosa: museum objects as a source of fashion memory

Anna Gabriela Pereira Faria\*; Gabriela Lúcio de Sousa\*\*

**Resumo:** A criação de uma bolsa para a pesquisa denominada 'Os Quimonos de Maria Augusta Rui Barbosa: pesquisa, conservação e acesso ao público' permitiu uma variada gama de estudos relacionados ao tema, dentre eles, as investigações relacionadas à moda do período e de que maneira isso influenciou os gostos de Maria Augusta Rui Barbosa, incluindo os quimonos aqui estudados. Esse relato de experiência apresenta um recorte dos resultados do referido estudo, evidenciando questões como a importância da análise museológica a partir das fichas de catalogação das peças, e outras fontes diversas relacionadas tais como matérias de jornais e revistas do período, para a compreensão de personagens e momentos históricos, assim como o entendimento do objeto museológico como fonte de informação.

Palavras-chave: Quimonos. Deshabillés. Maria Augusta Rui Barbosa.

**Abstract:** The creation of a research scholarship known as *Os Quimonos de Maria Augusta Rui Barbosa: pesquisa, conservação e acesso ao público* allowed a wide range of studies related to the theme, among them, the investigations related to fashion of the period and in what way this influenced the likes of Maria Augusta Rui Barbosa, culminating in the kimonos studied here. This experience report will highlight these issues through newspaper and periodicals of the period, as well as the museological analysis from the cataloging sheets of the pieces, and other related sources.

Key-words: Kimonos. Deshabillés. Maria Augusta Rui Barbosa.

## 1. Introdução

Maria Augusta Rui Barbosa, notadamente conhecida como esposa de Rui Barbosa, teve pouco sobre sua vida, para além de seu marido, estudado. Sabe-se que ela era considerada uma 'mulher bela, atraente, de porte esguio, mais alta que Rui Barbosa e com ares de grande dama' (MAGALHÃES, 2013, p. 71).

Antes de adotar o sobrenome Rui Barbosa, ela carregava o tradicional nome Viana Bandeira (Maria Augusta Viana Bandeira), notadamente conhecido na aristocracia baiana, não pelas condições financeiras, já que seu pai, Alfredo Ferreira Bandeira, era um funcionário público, mas pelo prestígio, que continuou a ser propagado independente do dinheiro. Esse status, combinado à sua distinta educação, permitiu que Maria Augusta auxiliasse o marido em sua representação social:

---

\* Mestre em Museologia e Patrimônio pelo Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (UNIRIO/MAST). Possui graduação em Museologia pela UNIRIO. Atualmente é Museóloga/Tecnologista da Fundação Casa de Rui Barbosa/MinC, sendo responsável pela área de Documentação do Museu Casa de Rui Barbosa. E-mail: [gabriela@rb.gov.br](mailto:gabriela@rb.gov.br)

\*\* Bacharel em Conservação e Restauração pela UFRJ. Foi bolsista PIBIC/FCRB com o projeto 'Os quimonos de Maria Augusta Rui Barbosa: pesquisa, conservação e acesso ao público'. Atualmente é restauradora na Câmara dos Deputados de Brasília. E-mail: [gabriela.lucio@gmail.com](mailto:gabriela.lucio@gmail.com)

Sem sua educação aristocrática e sua reconhecida performance como senhora e anfitriã de "alta sociedade", Rui não teria podido sustentar um salão e mesmo uma vida mundana respeitável para as rígidas exigências de seus círculos. Cumpre aqui lembrar que "Cota" (como a chamava intimamente) desde jovem era reconhecida na Bahia por sua elegância, mantida a despeito da notória decadência econômica de sua antiga e aristocrática família, os Viana Bandeira (GONÇALVES, 1999, p. 43).

Mesmo com o pouco conhecimento de sua vida pessoal, nos relatos sobre a esposa de Rui Barbosa é constantemente reafirmada a sua elegância:

Cosia os seus vestidos; era bem recebida nos salões elegantes de Salvador; sobretudo era muito chique. [Ela e sua irmã Adelaide]formavam um par alegre, e onde estivessem era certo não ficar ninguém triste. Tocavam, cantavam, organizavam jogos de prendas, promoviam diversões adequadas aos salões e em roda delas logo se formava um círculo de admiradores (MAGALHÃES, 2013, p. 71).

O Museu Casa de Rui Barbosa (MCRB), instituição que faz parte da Fundação Casa de Rui Barbosa, vinculada ao Ministério da Cultura, detém acervos relativos a Rui Barbosa e sua família, dentre eles, têxteis, acessórios e peças de vestuário, porém, quando a casa tornou-se museu, poucas roupas de Maria Augusta Rui Barbosa foram doadas, provavelmente relacionado ao fato da própria Maria Augusta estar viva nesse período<sup>1</sup>. Das peças que fazem parte do acervo e pertenceram à usuária em questão, duas chamam a atenção, seja por sua beleza ou pelo exotismo: os quimonos<sup>2</sup>.

O presente trabalho pretende apresentar algumas das conclusões da pesquisa 'Os Quimonos de Maria Augusta Rui Barbosa: pesquisa, conservação e acesso ao público', principalmente no que se refere às influências do campo moda na sociedade do início do século XX, e especificamente na figura de Maria Augusta Rui Barbosa. Compreendendo os objetos museológicos, neste caso os quimonos, como fontes fundamentais para o estudo da cultura material.

## 2. Metodologias de investigação para cultura material

Lou Taylor estabelece em seu livro *The Study of Dress History* uma metodologia para a cultura material, especialmente voltada para o estudo dos vestuários e tecidos. Tal metodologia será muito útil na averiguação dos quimonos de Maria Augusta.

---

<sup>1</sup> O 'Museu Rui Barbosa' foi criado em 1927, já o museu denominado como Casa de Rui Barbosa foi instituído em 1928. Maria Augusta Rui Barbosa faleceu em 27 de abril de 1948, com 92 anos.

<sup>2</sup> Apesar de um dos resultados da pesquisa indicar que não são quimonos tradicionais, e sim peças inspiradas nas formas de um traje desse tipo, nesse relato de experiência essas peças serão chamadas de quimono, devido a sua catalogação atual.

A autora sugere uma investigação minuciosa, buscando os ‘mínimos detalhes’<sup>3</sup> de um artefato. Taylor afirma ainda que ‘seguir todas as pistas possíveis de serem encontradas nas roupas sobreviventes é, portanto, essencial nos processos de identificação. As datas podem ser rastreadas, por exemplo, através das etiquetas dos fabricantes’ (TAYLOR, 2002, p. 13)<sup>4</sup>. Ainda sobre o método adotado, a autora aconselha alguns preceitos, que envolvem ‘localizar, identificar, conservar, exibir e finalmente interpretar o objeto’ (TAYLOR, 2002, p. 13)<sup>5</sup>.

No entanto, no caso apresentado, nenhuma das peças possui qualquer tipo de etiqueta. Sem tal aparato, a investigação torna-se mais difícil. Em sua tese, Rita Andrade elucida, a partir de um exemplo, as dificuldades que a falta da etiqueta causa na identificação de uma peça:

Nem sempre, como neste último caso, é possível identificar a procedência de um vestido num acervo de museu. A presença da etiqueta é sempre uma grande contribuição nesses estudos, especialmente porque, além de confirmar a origem da peça, fornece informações sobre endereço e filiais da casa (ANDRADE, 2008, p. 61).

Com essa dificuldade, decidimos nos ‘concentrar em cada babado, plissado e laço’ (TAYLOR, 2002, p. 12)<sup>6</sup>. Mas não apenas no objeto in situ, e sim, buscando nos arquivos, fichas e materiais bibliográficos, que pudessem fornecer alguma informação concreta sobre os quimonos.

### 3. Os quimonos relacionados à sua catalogação

A peça 50.810A (Figura 1) recebeu em sua catalogação a seguinte descrição: “quimono em seda azul marinho, bordado nos tons, branco, vermelho, verdes, ocre e azul claro. Mangas curtas e faixa para amarrar na cintura. Decorado por dragões, nuvens, árvores e quiosques” (PIRES, 1998, p. 2), e o 66.881A (Figura 2) “quimono em seda preta, mangas curtas e faixa para amarrar na cintura. Decorada por galhos, folhas, flores, montanhas e barcos bordados em linha branca” (PIRES, 1998, p. 2).

<sup>3</sup> "Attention to minute detail is also vital because styles are so constantly recycled from one period to another [...]" (TAYLOR, 2002, p. 15).

<sup>4</sup> "Following up every possible clue to be found within surviving garments is this essential within the processes of identification. Dates can be traced, for example, through makers' labels".

<sup>5</sup> "[...] finding the clothing object, followed by its identification, conservation, display and finally interpretation".

<sup>6</sup> "[...] concentration on every flounce, pleat, button and bow".



**Figura 1** - Quimono 50.810A azul e quimono 66.881A preto. **Fonte:** Livro do Banco Safra (2013)

A ficha de catalogação fornece outras informações relevantes, que servirão como justificativa para o recorte que será realizado, afirmando o local de origem como Japão; datação dos objetos, referente a 1910; e quem forneceu as peças para Maria Augusta, seu filho, João Barbosa, que no período em que adquiriu as peças, tinha prováveis 20 anos de idade. Um texto relacionado ao histórico da peça promove outras discussões:

O quimono é um roupão comprido, mantido preso por uma faixa e usado no Japão por ambos os sexos. Uma forma assemelhada, sem costura nas cavas, foi usada pelas senhoras, como indumentária doméstica, no início do século XIX. Usaram-se ainda, nos anos dez, casacos femininos nesse estilo, cujos cintos, terminados em franjas, faziam grandes laços nas costas. A influência oriental nas artes decorativas e na moda teve início no século XIX, notadamente a partir da participação do Japão na Exposição Internacional de Paris, em 1878. Fotografias desta casa no tempo em que a família nela residia mostram a presença do gosto oriental na decoração: louças, móveis e pequenos objetos. Existe no Museu outro quimono semelhante, de seda azul com bordados de cores diversas, e no acervo do Arquivo Histórico, fotografia de D. Maria Augusta vestindo quimono branco (PIRES, 1998, p. 2).

Para a sociedade da época, o orientalismo era sinónimo de moda, distinção e exotismo, no caso específico da família Rui Barbosa, o patriarca tinha grande admiração pela Inglaterra e seus costumes, com o gosto oriental em voga na região,

Rui Barbosa também o aderiu. Inicialmente, a descrição de quimono como um roupão não pode ser considerada completamente correta. Avaliando a explicação da ficha a partir da forma desse tipo de traje, não é adequado classificar tal vestuário dessa maneira, já que o mesmo é uma vestimenta completa, composto por muitas partes (Figura 2). A tradução literal do termo 'quimono' é "coisa de vestir"<sup>7</sup>, porém, segundo Christine Greiner

[...] quimonos nunca foram definidos como "aquilo que se veste". Eles já representaram símbolos de sabedoria (para antigos monges), objetos de sedução (para delicadas gueixas), imagens-fetichismo do exotismo (no cinema hollywoodiano) e produtos para exportação (no que se refere à economia japonesa) (GREINER, 2013, p. 59).



**Figura 2** - Partes de um quimono. Fonte: Museu da Imigração (2016)

Com isso, inferir essas peças apenas como um roupão não é adequado. A faixa que fica na área da cintura, que também compõe o traje completo e recebe o nome de *obi*, obedece a regras bem específicas: eles devem ter entre 15cm e 30cm de largura, não sendo aceitos outros tamanhos para vestes tradicionais<sup>8</sup>.

A ficha de catalogação continua informando que "uma forma assemelhada, sem costura nas cavas, foi usada pelas senhoras, como indumentária doméstica, no

<sup>7</sup> Informação obtida em visita técnica realizada ao Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil (Bunkyo) em 22 de abril de 2016.

<sup>8</sup> Informação obtida em visita técnica realizada ao Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil (Bunkyo) em 22 de abril de 2016.

início do século XIX”, e aqui situa-se uma importante informação, que será amplamente abordada no decorrer desse relato de experiência, mas, cabe dizer que, de certa maneira, é iniciada uma nova interpretação das peças pertencentes ao Museu Casa de Rui Barbosa, lembrando o uso de roupas de intimidade no início do século XIX.

Por fim, a catalogação informa que as duas vestes de Maria Augusta foram “presenteados a Maria Augusta Rui Barbosa, pelo seu filho João que o trouxe do Japão”. Sabe-se que o Japão produziu ‘quimonos tipo exportação’ durante longos períodos<sup>9</sup>, incluindo a janela citada em que João realizou a compra<sup>10</sup>.

A partir dessas informações, alguns questionamentos sobre a nomenclatura dos objetos foram levantados. Após uma série de visitas técnicas em instituições, entre os dias 20, 21 e 22 de abril foram realizadas três visitas na cidade de São Paulo: Museu da Imigração, Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil (Bunkyo) e uma entrevista com Kyooko Watanbe, especialista na arte de vestir quimonos. E em 10 de novembro de 2016, uma visita ao Museu Histórico Nacional, localizado na cidade do Rio de Janeiro.

Ficou esclarecido que, considerando o conceito de vestuários tradicionais, cabendo ressaltar que a ficha de catalogação não usa a terminologia ‘quimonos tradicionais’, mas sim apenas ‘quimonos’ e aqui ocorre uma apropriação do termo ‘tradicional’, usado pela equipe do Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil (Bunkyo) durante a visita técnica, para designar que, atualmente, a moda se apoderou dessa palavra para designar uma variedade de peças semelhante a casacos com abertura frontal, no entanto, considera-se que nas fichas de catalogação, as peças são vistas como as vestes clássicas, o período em que as peças foram produzidas e usadas, a opinião da especialista Kyooko Watanbe, que pontua os quimonos como vestes complexas adaptadas a condição social, matrimonial e familiar de seus usuários, os dois trajes pertencentes ao Museu Casa de Rui Barbosa podem não ser consideradas quimonos. É importante esclarecer que o período é um demarcador muito válido, já que, atualmente, o termo ‘quimono’ foi apropriado pela moda ocidental. As lojas vendem casacos de tecidos leves, abertos na parte frontal, com mangas quadradas e amplamente abertas<sup>11</sup>, com ou sem faixa na cintura, usando essa nomenclatura, por isso, considerar como a moda denominava roupas parecidas com as de Maria Augusta no período em questão auxiliam nas considerações sobre o nome com o qual a peça foi catalogada.

<sup>9</sup> Informação obtida em visita técnica realizada ao Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil (Bunkyo) em 22 de abril de 2016.

<sup>10</sup> A ficha de catalogação de ambas as peças informa como data de aquisição de 1910.

<sup>11</sup> Mangas estilo quimono.

#### 4. Novas possibilidades

Concluindo-se que as peças não são quimonos, buscaram-se alternativas para o que elas seriam. Inicialmente, os trajes foram considerados *robes de chambre* (SALLES, 2016), podendo ser assim classificados como roupões de abertura frontal. Esse tipo de vestuário pode ser incluído na categoria de roupas de intimidade, ou seja, trajes tradicionalmente produzidos para vestir os corpos femininos dentro de suas casas, porém algumas dessas peças são tão elegantes que poderiam ser utilizados para receber visitas mais próximas. As mulheres tinham grande predileção por esse tipo de roupa, sendo muito corriqueiro o seu uso no período em que Maria Augusta provavelmente vestiu os seus – início do século XX. A forma dos quimonos condiz com as características de um *robe de chambre*, porém, um depoimento de Maria Luiza Vitória Ruy Barbosa Guerra (D. Baby), filha de Maria Augusta e Rui Barbosa para o projeto 'Memória de Rui', realizado em 10 de abril de 1975 acrescenta uma nova possibilidade para esses objetos:

Mamãe. Mamãe gostava muito. Eu também toquei, mas pouco. Mamãe gostava muito. Ela sentava-se no piano... Interessante, todo domingo – eu me lembro disso –, antes do almoço, mamãe muito bonita, com aqueles *déshabillés* lindos que ela tinha, antes do almoço sentava ali e tocava “Home, sweet home” Era invariavelmente isso todo domingo (GUERRA, 1975).

O depoimento permitiu então, um novo caminho na investigação. Porém não é plausível basear-se somente nele, e, mais uma vez, os pesquisadores foram uma peça chave nos estudos, pois, foi possível confirmar que os dois quimonos de Maria Augusta possuem muitas características semelhantes à dos *déshabillés* (FEIJÃO, 2017), o que não exclui a questão dos *robes de chambre*, já que, ambos podem ser considerados pertencentes a uma mesma categoria de roupa, as roupas de intimidade.

#### 5. Roupas de intimidade

As publicações em revistas e jornais de época – não apenas sobre estilo, mas relacionadas também a comportamento e costumes – são fontes consideravelmente relevantes para evidenciar o uso desse tipo de roupa. A revista 'O Malho' possuía uma coluna chamada Alinhavos, onde comentava-se sobre a moda do período em questão.

A seção de 11 de março de 1933 feita por Sorcière (Figura 3) é dedicada aos 'vestidos de casa': “Vaporosos ou agasalhadores, os vestidos que usamos em casa, e que se denominam, em francês – o que geralmente também se adota – '*robes de chambre*' – são sempre bonitos” (O MALHO, 1933). A seção comenta também sobre outros tipos de roupas de intimidade, como os pijamas de seda, camisola de voile,

*liseuse*<sup>12</sup> e os *déshabillés*<sup>13</sup>, que são definidos como “vestidos muito elegantes, parecendo de baile, mas destinados apenas a receber visitas de cerimônia” (O MALHO, 1933).



**Figura 3** - Coluna Alinhavos da revista o Malho. **Fonte:** Hemeroteca Digital (1933, p. 24)

Já na edição de 29 de março de 1934 da coluna Senhora (suplemento feminino), também feita por Sorcière (Figura 4), percebemos alguns elementos que aproximam os *déshabillés* do período às peças de Maria Augusta:

“Não é só na rua que a mulher moderna traja bem. Por menos que fique em casa, cuida da "toilette" com capricho, esmerando-se na arte de vestir um pijama, na de parecer linda com um 'déshabillé' de cetim, de veludo, de crepe, de estampania japonesa de crepon de algodão também (O MALHO, 1934).

Nesse trecho fica claro o uso da estampania japonesa nas roupas de intimidade, evidenciando que os trajes de Maria Augusta estão adequados a essa tipologia de vestuário. Tais publicações também eram de grande importância para ditar modas e comportamentos junto ao público leitor de período. A coluna elucida também a importância desse tipo de roupa para as mulheres bem informadas sobre moda, comentando que “não é só na rua que a mulher moderna traja bem”.

<sup>12</sup> Assim como os robes de chambre, liseuses são uma espécie de robe com abertura frontal, usado por cima de camisolas e pijamas.

<sup>13</sup> A palavra *deshabillé* significa, literalmente, despir-se.





**Figura 4** - Senhora (suplemento feminino) da revista o Malho. **Fonte:** Hemeroteca Digital (1934, p. 37)

Reunindo algumas informações relatadas até aqui, cabe lembrar que, em 1934, Maria Augusta tinha 78 anos, e, segundo a ficha de catalogação, a peça foi dada a ela por seu filho João em 1910, e ainda considerando o depoimento de Maria Luiza Vitória Ruy Barbosa Guerra (D. Baby), sua mãe usava as peças nos almoços de domingo em família, em um período onde Rui Barbosa estaria vivo, portanto, antes de 1923, já que o mesmo faleceu nessa data. A partir dessas constatações e com o intuito de compreender o uso de roupas de intimidade em períodos até 1923, a matéria da revista 'Vida Doméstica', de 27 de novembro de 1923 (Figura 5), elucida que o gosto por esse tipo de vestes foi suficientemente longo.



**Figura 5** - Revista Vida Doméstica. **Fonte:** Hemeroteca Digital (1923, p. 28)

Na breve seção denominada 'Para os vestidos de interior', é afirmado que “todas as fantasias são para os *déshabillés*” (VIDA DOMÉSTICA, 1923), a matéria

continua, “nesse gênero são permitidas todas as riquezas [...]” (VIDA DOMÉSTICA, 1923) e “para os *déshabillés*, não há entraves, todas as riquezas são apreciadas” (VIDA DOMÉSTICA, 1923). Com isso, entendemos que ricos e volumosos bordados, como os presentes nos vestuários de Maria Augusta, são bem aceitos e bem vistos

A revista 'Vida Doméstica' ainda apresenta outras matérias de acentuada relevância, lançando seções de uma página destrinchando as roupas de intimidade, como por exemplo, a edição de setembro de 1930 (Figura 6), informando que “a mulher, por sua índole coquette, dispensou sempre extraordinários cuidados á sua toilette intima, à sua cútis delicada, cogitando de tudo quanto pudesse realçar-lhe a beleza; a perfeição esthetica das suas fórmas” (VIDA DOMÉSTICA, 1930) e “por isso, a sua lingerie mereceu-lhe sempre especiais atenções, utilizando na sua habitual indumentaria, peças da roupa interior, que constituíam verdadeiras preciosidades [...]” (VIDA DOMÉSTICA, 1930):



**Figura 6** - Revista Vida Doméstica. Fonte: Hemeroteca Digital (1930, p. 126)

E a edição de janeiro de 1934 (Figura 7) apresenta uma área, no canto superior esquerdo, também dedicada a esse tipo de roupa:



**Figura 7** - Revista Vida Doméstica. **Fonte:** Hemeroteca Digital (1935, p. 124)

Completando o ponto sobre o uso de roupas de intimidade, é imprescindível pensar na influência que pessoas famosas poderiam causar, afetando o uso ou não desse tipo de roupa. A seção 'A mulher' da revista 'Vida Doméstica' de janeiro de 1936, comenta sobre a vestimenta usada dentro do lar pelas estrelas de cinema, afirmando a 'elegância, riqueza e propriedade com que se vestem' (VIDA DOMÉSTICA, 1936).



**Figura 8** - Revista Vida Doméstica.  
**Fonte:** Hemeroteca Digital (1936, p. 95)

## 6. Considerações finais

Entendemos, a partir das pesquisas realizadas, a importância da documentação museológica e de como as fichas de catalogação das peças são fontes fundamentais de informações, assim como o apoio de profissionais e estudiosos, assim como dos arquivos que permitiram elucidar questões e propor novas reflexões como apresentadas no corpo deste texto. Sem dúvida, o estudo detalhado e minucioso dos objetos museológicos, e dos documentos referentes a eles, são ferramentas essenciais para a compreensão acerca da cultura material. Ainda considerando a documentação museológica, as peças continuaram a ser chamadas de quimonos, posto que as mesmas foram catalogadas com essa nomenclatura. Estuda-se a possibilidade da mudança do nome nas fichas catalográficas, tal situação será avaliada pela equipe da instituição.

Evidencia-se que para uma mulher que viveu a última metade século XIX e a primeira do XX, era importante que a sua toailete fosse exuberante, principalmente considerando-se sua posição social, o que nos leva à compreensão da moda como parte de ser uma jovem ou senhora elegante. No caso de Maria Augusta Rui Barbosa, além de evidenciar um gosto pelo oriental, latente em sua residência, a pesquisa nos indica que a matriarca da família Rui Barbosa estivesse a par dos usos e costumes, buscando manter-se elegante, inclusive em suas roupas de intimidade.

Além da compreensão que os estudos sobre os objetos, e dos indivíduos relacionados a eles, nos deram sobre a vida pública e doméstica de Maria Augusta Rui Barbosa, o tempo dedicado à análise da documentação dessas peças nos apresentou a diversidade e potencialidades do acervo museológico como fontes de estudo não só para memória da moda, como proposto neste trabalho, mas para vários outros campos do conhecimento.

Considerando então todas essas questões, as bibliografias estudadas até o momento e as pesquisas realizadas propiciaram a oportunidade de repensar todas as potencialidades do acervo museológico do MCRB, considerando que "tal como entre os indivíduos, grande parte da singularização coletiva é alcançada pela referência à passagem do tempo" (KOPYTOFF, 1986 *apud* APPADURAI, 2008, p. 109) e portanto, a referida pesquisa se mostrou ação importante para apresentar novo significado a essas roupas e sua usuária, dentro de uma nova ótica de período.

## Referências

Ana Beatriz Giacomini (Museu da Imigração). *Entrevista concedida em visita técnica*. São Paulo, Brasil, abril de 2016.

ANDRADE, Rita Morais de. Boué Soeurs RG 7091: a biografia cultural de um vestido. 2008. 224 f. Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

DE LUCA, Catherine (Pinterest). Abdominal belt. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/524739794053520346/>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

- FARIA, Anna Gabriela Pereira. *Projeto – Os Quimonos de Maria Augusta Rui Barbosa: pesquisa, conservação e acesso ao público*. Disponível em: <[http://www.casaruibarbosa.gov.br/arquivos/file/bolsistas16/h\\_Os\\_Quimonos\\_Maria\\_Augusta\\_Rui\\_Barbosa\\_2016.pdf](http://www.casaruibarbosa.gov.br/arquivos/file/bolsistas16/h_Os_Quimonos_Maria_Augusta_Rui_Barbosa_2016.pdf)>. Acesso em: 11 jun. 2016.
- FEIJÃO, Rosane. *Entrevista concedida por endereço eletrônico à Gabriela Lúcio de Sousa*. Rio de Janeiro: entrevista. [15 de julho, 2017]. Rio de Janeiro.
- FERREIRA, Manon de Salles. *Entrevista concedida à Gabriela Lúcio de Sousa*. Rio de Janeiro: entrevista. [julho, 2016]. Rio de Janeiro.
- FIGUEIREDO, Flávia; XAVIER, Luana. *Entrevista concedida à Gabriela Lúcio de Sousa em visita técnica*. Rio de Janeiro: entrevista. [11 de novembro, 2016], Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional.
- FINNCHAD, Bránn Mac (Pinterest). 1894 Mens Waist Binder. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/514184482443796717/>>. Acesso em: 28 ago. 2017.
- FON–FON. Rio de Janeiro: Fon–Fon. 1907 – 1958. Semanal.
- FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Museu Casa de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Banco Safra, 2013.
- GIACOMINI, Ana Beatriz. *Entrevista concedida à Gabriela Lúcio de Sousa em visita técnica*. São Paulo: entrevista. [20 de julho, 2016], São Paulo: Museu da Imigração.
- GONÇALVES, João Felipe Ferreira. *Vida, glória e morte de Rui Barbosa: a construção de um herói nacional*. 1999. 301 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional. Rio de Janeiro, 1999.
- GREINER, Christine. O ciclo de vida dos quimonos e o mercado da beleza. *Revista dObras*, São Paulo, v. 6, n. 13, p. 59-65, 2013.
- GUERRA, Maria Luiza Vitória Ruy Barbosa. *Entrevista com Maria Luiza Vitória Ruy Barbosa Guerra (D. Baby)*, filha de Maria Augusta e Rui Barbosa para o projeto Memória de Rui: depoimento. [10 de abril, 1975]. Rio de Janeiro: Museu Casa de Rui Barbosa. Entrevista concedida a funcionários do Museu Casa de Rui Barbosa.
- KOBAYASHI, Eduardo; YAMASHITA, Lidia; YOSHIZUMI, Toshiko. *Entrevista concedida à Gabriela Lúcio de Sousa em visita técnica*. São Paulo: entrevista. [22 de julho, 2016], São Paulo: Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil (Bunkyo).
- KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun. *A vida social das coisas*. As mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói, RJ: EDUFF, 2008. p.89-121.
- LOU, Taylor. *The Study of Dress History*. Manchester: Manchester University Press, 2002.
- MAGALHÃES, Rejane Mendes Moreira de Almeida. *Rui Barbosa na Vila Maria Augusta*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2013.
- O Espelho Diamantino. Rio de Janeiro: O Espelho Diamantino. 1827 – 1828. Quinzenal.
- O MALHO. Rio de Janeiro: O Malho. 1902 –1954. Semanal.
- PIRES, José Manoel de Andrade. Ficha de catalogação – 50.810A – Quimono (Relatório MARC). Museu Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 1998.
- PIRES, José Manoel de Andrade. Ficha de catalogação – 66.881A – Quimono (Relatório MARC). Museu Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 1998.

VIDA DOMÉSTICA: revista do lar e da mulher. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica. 1920–1962. Mensal.

WATANBE, Kyooko. *Entrevista concedida à Gabriela Lúcio de Sousa*. São Paulo: entrevista. [21 de julho, 2016], São Paulo.

WEBER, Caroline. *Rainha da moda: Como Maria Antonieta se vestiu para a Revolução*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

---

Data de recebimento: 13.06.2018

Data de aceite: 04.03.2019